

APROXIMAÇÕES À EXPERIÊNCIA MÍSTICA E SUAS RELAÇÕES COM A TEOLOGIA APOFÁTICA-SIMBÓLICA EM EDITH STEIN

APPROACHES TO MYSTICAL EXPERIENCE AND ITS RELATIONS TO THE
APOPHATIC-SYMBOLIC THEOLOGY IN EDITH STEIN

Clélia Peretti¹
Angelo Alberto Diniz Ricordi²

RESUMO

O artigo pretende resgatar pontos comuns entre a experiência mística carmelitana de Edith Stein, a partir da leitura fenomenológica que a mesma faz das obras de Santa Teresa D'Avila, bem como uma aproximação com a Teologia Mística, Simbólica e Apofática do pensador Dionísio Pseudo-Areopagita. A pesquisa envolve uma delimitação dos conceitos teologia e mística e uma pequena contextualização dos mesmos. Destaca a importância da categoria vivência como pressuposto da experiência mística e aprofunda o conceito e as relações da teologia apofática como teologia do inefável em Edith Stein.

PALAVRAS-CHAVE: Mística. Teologia. Teologia Apofática.

ABSTRACT:

The article aims to rescue common ground between Edith Stein's carmelite mystical experience, from the phenomenological reading that it makes about St. Teresa D'Avila's work, and its approach to the Mystic, Symbolic and Apophatic Theology of the thinker Dionysius Pseudo-Aeropagite. This research involves a definition of the concepts and mystical theology and a small contextualization about them. It highlights the importance of the category livingness as a precondition for the mystical experience and further develops the concept and the relations of the apophatic theology as the theology of the ineffable in Edith Stein.

KEYWORDS: Mystical. Theology. Apophatic Theology.

1 Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS. Membro da Academia Internacional de Teologia Prática (IAPT). Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Teologia PPGT/PUCPR. E-mail: cpkperetti@gmail.com; clelia.peretti@pucpr.br.

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. E-mail: angelo.diniz@grupomarista.org.br.

Introdução

O presente artigo pretende analisar alguns aspectos circunscritos à experiência mística e o seu direcionamento para uma teologia apofática no pensamento de Edith Stein a partir da sua aproximação com a mística carmelitana, de modo específico em Santa Teresa D'Avila, na obra “*Castelo da alma*”, assim como o estudo dos conceitos fundamentais de uma teologia mística de Dionísio Pseudo-Areopagita no ensaio “*Caminhos do Conhecimento de Deus*”.

Pretende-se constatar, a partir do levantamento bibliográfico de Stein, enquanto comentadora de Teresa D'Avila e Dionísio, a elaboração de uma teologia que seja intermediária entre a forma positiva e negativa, teologia essa que se delineia a partir da compreensão do símbolo e da mística, que não nega a objetividade do dado da fé e da revelação, contudo valoriza o momento fenomenológico da vivência.

A análise atenta à obra “*Caminhos do conhecimento de Deus*”³ revela a busca incessante por entender a teologia e o seu estudo como algo afirmativo e negativo, aliás, este é o estatuto epistemológico da Teologia Mística de Dionísio Areopagita, considerado como o primeiro a fazer uma sistematização da relação entre teologia afirmativa, ou catafática, com a teologia negativa, ou apofática, propondo uma teoria rigorosa da negação.⁴ Destaca-se, no entanto, a necessidade de uma conceituação dos termos, desde a teologia na sua forma tradicional e positiva, passando por sua vertente negativa, e dialogando, por sua vez, com o conceito steiniano de mística.

3 STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010. Este ensaio foi escrito no Convento de Echt no ano de 1941 a pedido da revista *Journal of Philosophy and Phenomenological Research*. Utilizaremos a tradução espanhola da obra *Escritos Espirituales* da Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2010.

4 Cf. LACOSTE, Jean Yves (Org.) **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.

Teologia, Teologia Apofática e Mística

O pensamento de Edith Stein pode ser considerado um pensamento de fronteira. Fronteira entre filosofia, teologia e mística. Sua busca pela verdade revela mais que um projeto intelectual, pode-se dizer que consiste na construção de um itinerário existencial marcado pela questão antropológica do ser humano, da sua vida, ser e sentido.

Ao aproximar-se da fé cristã num sentido existencial, marcada por uma profunda conversão gestada por longos anos de meditação, luta interior e profunda resistência, Edith Stein passa revisitar as relações entre o tomismo e a fenomenologia. No tocante à sua herança intelectual, provinda da fenomenologia,⁵ Stein não a renega ou a deixa de lado, mas antes, procura re-significar suas pesquisas à luz da fé cristã, de sua teologia e, posteriormente, da tradição mística carmelitana.

Entretanto, faz-se necessário evidenciar, num primeiro momento, as conceituações de teologia, teologia apofática e mística para a compreensão dos elementos fundamentais dos termos trabalhados por Stein, a partir do pensamento de Teresa D'Avila e Dionísio Pseudo-Areopagita.

No contato com o cristianismo e no estudo da teologia, Edith Stein, em momento algum, exclui o caráter positivo do estudo da teologia clássica, pelo contrário, ao aproximar-se do tomismo, comunga de semelhante confiança na capacidade da razão. Partindo do conceito positivo de teologia, pode-se defini-la da seguinte forma:

O termo teologia compõe-se etimologicamente de dois termos que lhe definem já grandemente a natureza: *Théos* + *logia* = Deus + Ciência. No centro está Deus, seu objeto principal. Coloca-se Deus em discurso humano. Etimologicamente, significa um discurso, um saber, uma palavra, uma ciência de ou sobre Deus.⁶

A tradição cristã nunca negou a capacidade humana da razão acerca do conhecimento de Deus. Aliás, esse era um dos pilares da teologia fundamental proveniente do Concílio Vaticano I. Essa convicção também parte do realismo tomista em relação à capacidade do ser humano em conhecer e poder chegar ao conhecimento de Deus por meio das obras criadas pela contemplação da razão.

O posicionamento de Edith Stein respeita esta objetividade do dado da Revelação e sua comunicação a todo ser humano, entretanto vai além de um estudo racional à luz da fé para transportar-se para um campo muito conhecido da fenomenologia e que Stein leu nas obras dos grandes místicos: o campo das vivências. É pelo campo das vivências e da experiência de Deus que ela se aproxima da teologia apofática de Dionísio e com ele estabelece um diálogo positivo no sentido de acreditar na sua importância como purificadora do pensamento lógico-racional-teológico tradicional.

Na base da teologia apofática ou negativa está uma teologia literalmente silenciosa, que tem a sua importância para além das palavras, que valoriza o amor e o silêncio.

Conviria distinguir a teologia negativa da sua via negativa. Nela subsiste ainda a linguagem: uma linguagem feita de termos negativos. Já a teologia negativa vai além da via negativa, porque implica no abandono absoluto (mas isso apenas no limite) de todo discurso, em favor do conhecimento silencioso e amoroso.⁷

O teólogo Boff faz uma distinção clara no conteúdo e postura da teologia negativa afirmando que poderia se distinguir uma teologia

6 LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: Perfil, Enfoques, Tarefas**. 2ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 63.

7 BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 346.

negativa absolutamente calada, baseada na vida dos místicos e suas vivências, e outra teologia negativa especulativa que se mostra pujante nos escritos que eles nos deixaram. “Na teologia apofática, os conceitos não são supressos, mas se calam, e dormem, como os apóstolos no Monte das Oliveiras [...]”⁸

A importância da teologia negativa em Stein tem uma dupla função: baseada na dessemelhança entre o ser humano e Deus e na similitude que daí se abstrai e, em segundo lugar, por ser a teologia mística uma elevação, ascese em direção a Deus que desemboca numa teologia mística.⁹

Partindo da obra tardia “Ser finito e Ser eterno. Por uma elevação do Ser”, Stein aponta um dos sentidos do termo mística:

A graça mística é a confirmação experimental do que ensina a fé: a presença de Deus na alma. Aquele que guiado pela verdade da fé, busca a Deus, se dirigirá por seu próprio esforço ao lugar preciso a que é atraído o ser favorecido pela graça mística: livrando-se dos sentidos e das imagens da memória, e ainda da atividade natural do entendimento e da vontade, retirará a solidão vazia de sua interioridade, para permanecer ali na fé obscura, em um simples olhar amoroso do espírito orientado para o Deus escondido, que por sua vez para o momento permanece velado. Aqui viverá em uma profunda paz, porque se encontrará no lugar do seu repouso.¹⁰

A mística, diferentemente da teologia positiva e negativa, se dá no campo das vivências. É a experimentação do dado da fé. É, sobretudo, uma graça divina. Sua preocupação não está no desvelamento de Deus, pois

⁸ BOFF, 2012, p. 347.

⁹ Cf. ALES BELLO, Angela. **Teologia Negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein**. Memorandum, n. 3, p. 98-111, 2002.

¹⁰ STEIN, Edith (1936). **Ser finito y ser eterno: Ensaio de una ascensión al sentido del Ser**. Trad. Alberto Pérez Monroy. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 457. (Tradução nossa do texto: El Castillo del alma escrito em 1936 como um apêndice da obra Ser Finito e Ser Eterno. Para esta tradução segue o texto do livro Escritos Espirituales da Biblioteca de Autores Cristianos).

este permanece sempre velado, de maneira obscura, contudo o coração encontra a paz, pois o conhecimento e o seu desejo encontraram o seu lugar. São estes os elementos fundamentais trabalhados no comentário da obra teresiana por parte de Edith Stein.

Mística do Castelo Interior

O conceito de mística, durante muitos séculos, não se separou do conceito de teologia, este veio acontecer somente a partir de São Bernardo de Clavaval (1091-1153). Nessa perspectiva, aliar a mística ao estudo racional da teologia e suas implicações com a teologia, a partir de uma tradição carmelitana, pode ser considerada uma das grandes contribuições do pensamento steiniano.¹¹

Algumas dificuldades podem se apresentar num primeiro contato com a obra de Santa Teresa D'Avila (1515-1582), sobretudo pelo fato de uma primeira aparência autobiográfica de seus escritos. Contudo, para um olhar mais aprofundado, sua obra contém um ensinamento muito tradicional da Teologia Mística, sua originalidade está na recuperação do movimento de subjetivização da mística, lançando bases para um método psicológico em matéria de mística. Ao propor os graus de contemplação e as moradas da alma, ela propõe a oração como uma dinâmica da alma que consiste num movimento do mais superficial para o mais profundo, fornecendo ao seu leitor critérios psicológicos para a aproximação de temas como a quietude, união, êxtase, que na sua base possuem uma origem e significação teológica, sem uma relação direta com uma experiência psicológica.¹² A experiência mística se constitui como uma via privilegiada

11 Cf. LACOSTE, Jean Yves (Org.) **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004, p. p. 1162.

12 LACOSTE, 2004, p. 453.

de análise do ser humano. Destaca-se a vivência da experiência mística iluminada pela leitura e explicação, através do método fenomenológico, da obra o “Castelo Interior” de Santa Teresa D'Ávila, que expressava o que se passa no interior do ser humano, com a comparação a um castelo cercado de muros e com muitas moradas. Edith Stein vê no Castelo a alma; no corpo, a identificação com as muralhas, e na vontade, memória e inteligência, as diversas moradas que existem no castelo.¹³

Na introdução à análise da obra de Santa Teresa, Edith Stein relaciona sua reflexão a partir da tríplice estrutura da alma humana, física-psíquica-espiritual, que recebe o nome de pessoa humana. Vai insistir no caráter de aproximação de sua investigação antropológica com a mística carmelitana seguindo as moradas que são entendidas como etapas para o conhecimento da própria alma e da sua união com Deus por meio da oração.¹⁴ A primeira e a segunda moradas referem-se ao autoconhecimento e percepção do chamado de Deus. Na terceira morada, tem-se o acolhimento no coração da experiência de Deus e procura-se viver a vida e vontade divina através da oração, práticas de penitência e boas obras. Ao avançar nesse caminho, a alma pode receber graças místicas ou extraordinárias descritas na quarta morada. A quinta morada é marcada pela oração de união, a alma está em quietude. A sexta morada é um salto qualitativo marcado pelo desponsório (noivado) espiritual ou místico, graça extraordinária que é dada por Deus, livre e espontaneamente, mas ainda não é o repouso para a alma, pelo contrário, nessa etapa, a alma é provada com intensos sofrimentos, de natureza externa e interna, não encontrando gozo

13 STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010, p. 39-43.

14 STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010, p. 42.

nem em Deus e nem nas criaturas. Passados esses sofrimentos, na sétima morada, também por livre iniciativa de Deus, acontece a união duradoura, o casamento, as núpcias místicas entre a alma e Deus, deixando ao ser humano uma dupla opção, ficar-se na experiência do silêncio absoluto ou descer e anunciar aos outros essa experiência.¹⁵ A experiência que o ser humano faz ao aprofundar no autoconhecimento de sua alma e, ao mesmo tempo, alcançar as graças extraordinárias de Deus são um caminho para uma cegueira notada por Edith Stein em ciências como a psicologia, quando esta se baseia apenas pela via naturalística, negando o caráter metafísico desse encontro.

[...] aí está o fato de que ninguém penetrou tão no fundo na alma como o homem que com ardente coração abraçou o mundo, e que pela forte mão de Deus foi liberado de todas as ataduras e introduzido dentro de si no mais íntimo de sua interioridade. Ao lado de nossa santa Mãe Teresa, encontramos aqui em primeira linha a Santo Agostinho... Para estes mestres do próprio conhecimento e da descrição de si mesmos, as misteriosas profundezas da alma revelam-se claras: não só os fenômenos, a superfície movediça da vida da alma, são para eles inegáveis fatos de experiência, mas também as potências que atuam sem mediações na vida consciente da alma, incluindo a mesma essência da alma!¹⁶

Ao resgatar não somente o pensamento de Santa Teresa, mas também a figura de Agostinho, Stein propõe como uma possibilidade de conhecimento do ser humano, através da via fenomenológica uma riquíssima tradição de pensadores e místicos cristãos, que não se limitaram a entender e estudar os fenômenos da alma, mas sim suas potencialidades e a sua própria essência.

15 STEIN, (1936/1941), 2010, p. 42-57.

16 STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010, p. 69.

Qual o objetivo dessa vivência? Qual a finalidade em chegar ao centro da alma? “O centro da alma é o lugar, desde, onde se faz ouvir a voz da consciência, e é o lugar das livres decisões pessoais”¹⁷. Nessa perspectiva, pode-se ler com Edith Stein a obra *Castelo Interior* como uma forma de desvelar o significado da experiência religiosa de todo ser humano como uma consistente aproximação da investigação antropológica.¹⁸ Na via proposta por Stein, recuperando a tradição cristã e a sua teologia, insere-se na perspectiva da mística até agora abordada, a possibilidade de uma teologia apofática ou mística que se desenvolve no pensamento de Dionísio Pseudo-Areopagita.

Dionísio pseudo-areopagita e a Teologia Mística em Stein

A aproximação de Edith Stein com o pensador Dionísio Pseudo-Areopagita se dá através da própria tradição carmelitana que aprofunda a questão da mística na teologia, mas também se dá pela influência de São Tomás de Aquino. Ela reconhece três grandes correntes espirituais, as quais se devem antepor à Revelação. São como que três caminhos diferentes para compreender seu conteúdo, assimilar e encarnar a Palavra de Deus na espiritualidade humana. São eles: o pensamento grego, sobretudo o aristotélico (tomista), o pensamento de Santo Agostinho e os escritos do Areopagita.¹⁹

Qual a origem do nome Dionísio Pseudo-Areopagita? *Bento XVI*, em uma audiência geral no ano de 2008 no Vaticano, explicou que a origem desse pseudônimo se encontra no Livro *Atos dos Apóstolos* no capítulo 17, no contexto da pregação de Paulo no *Areópago*. Foi um primeiro contato do

17 STEIN, Edith (1936/1941), 2010, p. 70.

18 Cf. ALES BELLO, Angela (2003). **Edith Stein: A Paixão pela Verdade**. 1.ed. trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014.

19 STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituais**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010, p. 73.

cristianismo e sua mensagem com a cultura helenística, todavia, rejeitada por sua maioria de ouvintes, com exceção de certo Dionísio e uma mulher chamada Damaris. Seguindo na sua explicação, o papa indica que a escolha do pseudônimo de Dionísio, cinco séculos depois, demonstra o claro interesse de querer pôr a sua sabedoria grega ao serviço do Evangelho, ajudar no encontro entre a cultura grega e o anúncio de São Paulo, que é a pessoa de Cristo.²⁰

Stein aprofunda o conceito de teologia em Dionísio afirmando que não se trata de uma ciência ou doutrina sistemática sobre Deus, mas o termo teologia designa a Sagrada Escritura, a Palavra de Deus e como “teólogos” seus autores, os escritores santos. Mas são teólogos igualmente os anjos porque também falam de Deus em suas manifestações, mas o maior de todos os teólogos é Cristo, Palavra viva do Pai, que ela denomina como o primeiro teólogo²¹. Não existe uma única forma de falar de Deus, mas antes formas diferentes de conhecimento e não conhecimento de Deus. Melhor que o termo teologia mística seria o de revelação secreta, uma vez que Deus só pode ser conhecido naquilo que se revela. Em Deus, segundo Stein, conhecimento e anúncio se exigem e se equivalem. Quanto mais elevado é o conhecimento, tanto mais obscuro e misterioso resultam na possibilidade de enunciação do mesmo. Sua aproximação na teologia mística consiste na imersão da obscuridade além de todo raciocínio, onde faltam palavras e o próprio raciocínio. Diferente da teologia positiva e da negativa, a teologia mística alcança o inefável através do silêncio total. A teologia positiva se apoia na correspondência do ser entre criador e criatura, na analogia entes; a teologia negativa, por sua vez, no fato de que na semelhança se dá uma maior dissemelhança. Ambas segundo Stein desembocam na teologia

20 BENTO XVI. **Audiência Geral: Dionísio Areopagita**. Roma, 2008.

21 STEIN, (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010, p. 116.

mística que revela Deus como mistério.²²

A abordagem da teologia mística em Dionísio se aproxima do núcleo da experiência de Deus, porque entende que na base dessa experiência só podemos chegar por meio do símbolo. A linguagem e o raciocínio definitivamente são insuficientes na exposição da experiência. Por isso, o discurso simbólico toma, pois, suas expressões do domínio da experiência externa e interna, assim como de uma experiência da vida. Esse pensamento tem a sua razão de ser e o seu centro unificador e dominante em Deus mesmo. Ele é a própria e a última meta da qual depende a teologia simbólica.²³

A fé diante da teologia mística adquire um significado diferente da crença, insere-se no rigor da “*fides*”, da aceitação e fidelidade à revelação sobrenatural. Entende-se a partir da automanifestação de Deus mediante a Palavra, que é, por sua vez, revelação e discurso e que a exige como aceitação e fidelidade à verdade revelada. A fé é sinônimo de conhecimento, ainda que obscuro e encaminha-se segundo o estudo de Stein na experiência sobrenatural de Deus.²⁴

O papa Bento XVI, homem de um profundo conhecimento da teologia positiva e afirmativa, comenta, entretanto, esta dimensão do “*fides*” como experiência que cada ser humano é chamado a fazer na aproximação com o sobrenatural:

O fiel só pode realizar a sua fé por sobre o oceano do nada, da tentação e da dúvida, sendo o oceano das incertezas o único lugar possível de sua fé [...] atado à cruz, mas a cruz não está presa a nada e está flutuando sobre o abismo. Uma trave solta o liga a Deus; mas ela o liga de maneira definitiva.²⁵

22 STEIN, (1936/1941), 2010, p. 116-117.

23 STEIN, (1936/1941), 2010, p. 92.

24 STEIN, (1936/1941), 2010, p. 99.

O fato de o cristão estar atado à cruz não significa a negação da sua liberdade, mas antes, o encontro com o porto firme da fé, da experiência mística por excelência, que desembocará na última obra de Stein chamada “*Ciência da Cruz*”. “A força redentora foi conferida ao Verbo, na cruz, e estende-se a todos os que acolhem o Verbo de coração aberto, sem exigir milagres ou argumentos intelectuais de sabedoria humana”.²⁶ Na teologia simbólica de Dionísio, já se encontra não o desprezo pela *ratio*, mas a consciência da sua limitação e da posição humilde do teólogo ou místico diante do Mistério.

Partindo do fato de que a Teologia é o encontro com o “teólogo” por excelência que é Cristo, a teologia simbólica ou mística de Dionísio aponta para o fato de que a principal tarefa daquele que se interessa pela verdadeira teologia é o de libertar o caminho que conduz a Deus. Porque ao contrário, em cada verdadeiro conhecimento de Deus, Deus mesmo se aproxima do homem. Deus quer deixar-se encontrar por aqueles que o buscam. Desde o princípio quer ser buscado. Aqui percebemos que Edith Stein dá um salto para a teologia negativa e vê na teologia afirmativa uma primeira conversa, um primeiro incentivo. Todavia, que não é imposto, mas proposto por meio da fé. O que é a fé? Um dom que deve ser aceito, mas na liberdade, na liberdade humana e divina.²⁷

Do encontro com a teologia simbólica brota a certeza de que sendo Deus o teólogo originário, todo falar de Deus pressupõe que Deus fale. A aproximação do místico, ou cristão, com essa teologia consiste no fato de que Deus quer que aqueles para quem falou do alto da montanha desçam e transmitam a mensagem aos que ficaram. De que forma? Através de

25 BENTO XVI. **Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 34-35.

26 STEIN, Edith. **A Ciência da Cruz**. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2011, p. 23.

27 STEIN, (1936/1941), 2010.

palavras humanas e com imagens compreensíveis, pois Ele nos fala como o teólogo simbólico, através da criação, de nossas experiências internas, mas, acima de tudo, por suas pegadas na existência humana, tendo como símbolo originário a Palavra Encarnada.²⁸

Considerações Finais

A análise à qual se propôs esta primeira aproximação entre os textos “O Castelo da Alma”²⁹ e “Caminhos do conhecimento de Deus”³⁰ consiste num primeiro levantamento bibliográfico e conceitual das semelhanças e diferenças entre as duas propostas apresentadas nos dois textos, todavia com vieses diferentes. O grande tema em questão é a aproximação dos conceitos de teologia e mística numa perspectiva apofática e posteriormente revelada na teologia simbólica.

A aproximação das duas vertentes mística e teologia apofática em Santa Teresa e em Dionísio mostraram-se muito mais complementares que diferentes. A experiência mística, quando fundamentada por uma teologia apofática, revela-se como uma experiência de-centrada em relação ao eu. É algo que preenche nossa existência, por meio de uma presença.³¹

Esta presença experimentada por meio das vivências se manifesta através de uma fé não racionalista, mas que exige um compromisso de entrega, engajamento, sem, contudo, negligenciar aquilo que é fundamental na relação com Deus, a liberdade, tanto humana como divina.

Percebe-se que a mística carmelitana, lida a partir do método fenomenológico, pode oferecer para a teologia um processo de encarnação, que, por mais contraditório que pareça, enraíza-se na experiência na qual

28 STEIN, (1936/1941), 2010, p. 116-117.

29 STEIN, 1936/2010.

30 STEIN, 1941/2010.

31 Cf. ALES BELLO, Angela. **Teologia Negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein**. Memorandum, n 3, p. 98-111, 2002.

cada ser humano é chamado a fazer a partir do autoconhecimento que este obtém por meio da oração e contemplação. A teologia mística, por sua vez, oferece uma reflexão sobre a importância na purificação dos conceitos e imagens da experiência de Deus e apresenta como sua principal meta a libertação de tudo aquilo que impede o homem do conhecimento de Deus.

Conhecimento e fé, teologia e mística, afirmação e negação, quando assumidos a partir de uma vivência autêntica, baseada no método fenomenológico, possibilitam ao ser humano um encontro com o Teólogo por excelência que é Cristo, Aquele que por meio da sua teologia, revelada no encontro vivencial da mística, nos introduz na vida de Deus, que segundo Edith Stein, é a Trindade inefável.

Referências

ALES BELLO, Angela (2003). **Edith Stein: A Paixão pela Verdade**. 1.ed. Trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014. 133p.

ALES BELLO, Angela. **Teologia Negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein**. Memorandum, n. 3, p. 98-111, 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos03/alesbello01.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BENTO XVI. **Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2011. 268p.

BENTO XVI. **Audiência Geral: Dionísio Areopagita. Roma, 2008**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080514_po.html>. Acesso em: 21 Set. 2014.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LACOSTE, Jean Yves (Org.) **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: Perfil, Enfoques, Tarefas**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MAHOFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (org.) **Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 1.ed. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

STEIN, Edith (1936/1941). **Escritos Espirituales**. Trad. Francisco Javier Sancho Fermín. 1.ed. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2010.

STEIN, Edith (1936). **Ser finito y ser eterno: Ensaio de una ascensión al sentido del Ser**. Trad. Alberto Pérez Monroy. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1994.

STEIN, Edith. **Escritos Antropológicos y pedagógicos**. Obras completas Vol. 4. Madrid: Ed. de Espiritualidad, 2005.

STEIN, Edith. **A Ciência da Cruz**. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2011.